

SERRADO, Joana. *Guarany*. Olhão: 4águas, 2012.
292 p.**Para além da ficção**

Há livros que nos surgem como objectos impressos não identificados. O *Guarany* poderia fazer parte dessa categoria, a uma primeira leitura: prosa, poesia, filosofia, tradução, escrita experimental, tudo se articula de um modo que segue uma linha onde, apesar de uma aparente dispersão, se encontram fios condutores: o café, as cidades, o amor, sendo estes os que sobressaem/sobressaltam durante a leitura. Mas o que subjaz a esses temas que fazem parte, apesar de tudo, de um esquema tradicional da relação do livro com o leitor, é a interrogação: “que livro é este?” E a segunda resposta – depois de não ter havido uma resposta clara à primeira pergunta sobre se este objecto é um romance – é a de se tratar de uma linha temporal, que vai dos 19 aos 28 anos – com um testamento final datado de 1989, portanto se as contas batem certo, quando a autora tinha 9 anos. É portanto uma crónica dos seus 20 anos (os mesmos que Paul Nizan pediu que não considerassem a mais bela idade de uma vida): a passagem da adolescência à maturidade, etc., mas trata-se sobretudo, seguindo o percurso dos cafés e das cidades, da crónica de uma errância.

É por isso simbólica a escolha do café como lugar em que o sujeito se fixa: e o facto de tudo nascer de um café que está fechado representa a ameaça que paira sobre esse sujeito, o que representa a falta do lugar, ou seja, a ausência de um espaço – e uma das categorias do texto romanesco é precisamente o espaço. Vimos que o tempo se distribui nesse período de 20 anos; enquanto que o espaço resulta de uma acumulação de lugares, entre os cafés e as cidades, que são unidos pelas imagens não tanto de uma interioridade em que o sujeito se constrói dentro de si próprio e do seu mundo pessoal, mas através das que são captadas na relação da cidade com esses cafés. Se existe um modelo para este universo, poderia falar do “Livro do desassossego” do Bernardo Soares – tanto pela forma fragmentada da sua construção (no caso do Pessoa pela desarrumação dos inéditos) como pela remissão de cada fragmento para uma esfera que seria

a totalidade, o Livro, no sentido mítico do modo como, desde Mallarmé, a modernidade o concebe como alvo e não como resultado.

E será aqui que se inscrevem os fragmentos outros, filosóficos, poéticos ou musicais; e que se passa também do texto impresso para o texto manuscrito. Poderá falar-se de uma viagem estilística, de uma viagem por géneros; mas não será tanto isso que justifica a necessidade desses fragmentos como a própria edificação narrativa, de que esses textos outros constituem o cimento, a argamassa, a matéria não visível que cola e sustenta a narrativa dos cafés e das cidades. De certo modo, este tipo de construção introduz também uma ruptura no género romanesco clássico, trazendo o que, por vezes, se poderia aproximar do diário. Mas esta indecisão ou cruzamento de géneros faz parte de um dos caminhos por onde a ficção actual procura resolver o problema da fuga ao estereótipo, ao cânone, ao modelo oitocentista que consagrou esta fórmula.

Uma das questões centrais que se coloca a quem lê este livro é a diferença entre “técnica” e escrita. Há sem dúvida em Joana Serrado um domínio já amplo daquilo que é a expressão literária; mas o que pode suceder em certos momentos é a interrogação sobre se essa técnica, isto é, um excessivo domínio daquilo que é a arte/artesanato da palavra, se não sobrepõe a algo que é essencial nessa relação do leitor com o texto: a aventura, a viagem, o libertar-se daquilo que muitas vezes sentimos quando lemos alguns livros e que é a necessidade de nos estar a ser dito que aquilo é literatura. Felizmente são pontuais esses momentos, e de facto o que acaba por se impor é o gozo da própria leitura. No último número da NLH, aliás, há um artigo em que se fala do “languorous critic”,¹ o que vem em última análise do prazer do texto e da “jouissance” barthesiana. Acho que o crítico sente esse “langor” sem precisar de remorso e pode facilmente superar alguns trabalhos hermenêuticos por onde a autora o obriga a passar, aqui e ali.

¹ Ellis Janson, *The Languorous Critic*, New Literary History, summer 2012, The Johns Hopkins University Press.

Não sendo uma obra de estreia, é de certo modo uma proposta diversa da que Joana Serrado já tinha apresentado na sua poesia; no entanto, o projecto e a coerência de *Guarany* seguem o caminho iniciado em *Tratado de botânica*. É por isso de saudar esta obra que consolida uma voz original, diferente e inovadora no espaço da nossa ficção e, em particular, demonstrando que é uma vez mais uma mulher

que traz algo de diferente à nossa criação contemporânea.

NUNO JÚDICE

Universidade Nova de Lisboa

Recebido: 20 de junho de 2013

Aprovado: 21 de agosto de 2013

Contacto: judice@netcabo.pt